



# A EXPOSIÇÃO DO OURO A BORDO DA NAU PORTUGAL

A Exposição do ouro português amoedado realizada a bordo da Nau Portugal, na grande Exposição do Mundo Português, foi uma das felizes ideias e realizações que Leitão de Barros levou a cabo com a tenacidade que o caracteriza, pois não faltaram dificuldades a vencer — e de quem menos seria de esperar! — para se pôr em prática tão bela e interessante iniciativa.

Para semelhante empreendimento era necessária a assistência dum especialista que agrupasse, disposesse e descrevesse os espécimes apresentados. Tivemos nós a honra de ser convidados para essa tarefa, aliás, sumamente agradável. E já agora não perderemos o ensejo de testemunhar o nosso reconhecimento ao Dr. Leitão de Barros pelo encargo que nos confiou, e que procuramos, no seu desempenho, corresponder o melhor possível ao seu honroso convite.



A exposição do Ouro foi aberta a 7 de Setembro de 1940, no próprio dia da inauguração da Nau — a última grande realização da Exposição do Mundo Português <sup>(1)</sup>.

Ao organizarmos o plano dessa exposição tivemos em mente atender a três pontos fundamentais que deveriam resultar dela: isto é, sem abandonar o character científico da rigorosa disposição cronológica de toda a numária portuguesa de ouro para bem determinar a sua evolução, era necessário dar uma ideia dos periodos mais salientes da nossa História, pelos agrupamentos sucessivos das moedas características dessas épocas diversas, além de marcar por elas próprias as fases em que mais abundou o áureo metal na circulação monetária em Portugal, como reflexo directo da maior ou menor riqueza do Erário Real.

Estes foram os pontos que procuramos atingir, ao subordiná-los na sua execução ao arranjo artístico que melhor se poderia coadunar com o nosso objectivo.

Para guia desta Exposição escrevemos propositadamente uma pequena memória, sob o título de *Ouro Português Amoedado*, onde, a-par da descrição sumária das moedas foi dada a reprodução delas <sup>(2)</sup>.

O local destinado por Leitão de Barros para a Exposição do Ouro a bordo da sua lindíssima Nau, foi a «Câmara do Comandante» no castelo da popa. Aí se dispuseram em volta da sala oito arcas que deveriam receber as moedas.

Ao centro, sobre uma pequena mesa redonda, estava o livro-de-ouro da Nau, aberto que foi com a assinatura do S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente da República no dia da inauguração, a 7 de Setembro de 1940.

Ao topo central, no lugar de honra, estava a primeira colecção do País: a que fôra pertença d'El-Rei D. Luís e que, sob a sua protecção, servira de base para os mais notáveis trabalhos da Numismática portuguesa que até hoje se fizeram entre nós, e que por isso constitui ainda o nosso melhor guia <sup>(3)</sup>.

Aí se encontravam representadas, nessa colecção-tipo, quase todas as moedas portuguesas de ouro desde as primeiras que se cunharam dêsse metal — os *morabitinos* de D. Sancho I — ao último lavramento regular de ouro, em tempo do soberano a quem a colecção pertencia — El-Rei D. Luís. Hoje êsse precioso numofilácio faz parte do património histórico da Nação, pela generosa doação que dele fizera ao Estado El-Rei D. Manuel II.

Esta colecção mostrava-nos, pois, a evolução por que passou a moeda de ouro em Portugal, das primeiras às últimas peças que dêsse metal se cunharam entre nós. Dava-nos assim um panorama de conjunto da Numismática Portuguesa.

---

<sup>(1)</sup> Vid. o seu relato num magistral discurso do Senhor Doutor Augusto de Castro, in *Diário de Notícias*, 8/9/40. No jornal *O Século* de 1/9/40, já se annunciava a Exposição do Ouro.

A 21/9/40 publicou também o *Diário de Manhã* um extenso artigo a seu respeito.

No Rio de Janeiro o *diário Vox de Portugal*, de 18/10/40, publicou um longo artigo consagrado igualmente a esta exposição.

<sup>(2)</sup> Vid. a seu respeito *Diário de Lisboa* de 19/9/40, *A Voz* de 20/9, *Diário da Manhã* de 23/9, *Diário de Notícias*, 3/12/40, etc..

<sup>(3)</sup> Da acção notabilíssima que El-Rei D. Luís teve na história da Numismática portuguesa, veja-se o que escrevemos por ocasião do centenário da sua morte: *O Rei Numismata*. — Lisboa, 1942 — separata da *Revista Feira da Ladra*.





A NAU «PORTUGAL»  
DA  
EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS



Nas restantes arcas agrupavam-se as moedas consoante as épocas mais características que, por elas, a nossa História apresenta.

Assim, numa preciosa e pequena arqueta de estilo gótico, viam-se as moedas de ouro da *Idade Média*: *morabitinos*, *dobras* e *meias-dobras gentis e pé-terra* — ou sejam as moedas de ouro da primeira dinastia, de D. Sancho I a D. Fernando I.

Ao lado dessa estava outra de maiores dimensões, forrada de veludo carmesim, com ricas ferragens ao gosto do século de quinhentos, que encerrava as peças da *Época dos Descobrimentos*.

Começava essa série com as moedas d'El-Rei D. Afonso V (posto que o Rei D. João I não amoedou ouro, e das moedas do seu filho D. Duarte não existe entre nós, por desventura, nenhum exemplar dos seus belos *escudos*) tomando a dianteira os elegantes *escudos* daquele monarca, ainda ao gosto medieval, seguindo-se-lhes os célebres *cruzados* feitos com dois grãos a mais do que tinham todos os ducados da cristandade com que iam entrar em concorrência, lavrados por ocasião da cruzada que o Papa Calisto III pregou contra os turcos, em 1457; junto desses notava-se a falta do *escudo* do Toro <sup>(4)</sup>, característico da última fase monetária do Rei Africano, e que fôra cunhado em terras de Castela, quando das suas pretensões àquela coroa, ao defender os direitos que a ela tinha a *Excelente Senhora*, sua sobrinha.

Não faltavam, porém, a seguir, os *cruzados*, *justos e espadins de ouro* de El-Rei D. João II os *cruzados* em continuação dos que foram cunhados pelo Rei Africano, e onde primeiro foi apresentada a reforma do Escudo de Portugal, os *justos* que representavam a figura do Príncipe Perfeito sentado no trono e cujo valor era duplo daqueles, e os *espadins de ouro* que evocavam uma curiosa lenda dos castelos do norte de Africa em seguimento também da representação que já tivera em moedas de bolhão, de seu pai. Peças cuja beleza aliás fôra um tanto apagada pela imponência dos magníficos *portugueses* de ouro do Rei Venturoso que ao mundo causaram admiração pelo seu desmesurado tamanho.

Com efeito ainda que nessa exposição não figurasse nenhum exemplar dos *portugueses* do 1.º tipo — daqueles que Vasco da Gama levou na sua armada em 1497, porque deles apenas se conhece determinada moldagem de chumbo, que aliás nos atesta uma grandeza ainda maior! — lá estavam contudo os *portugueses* do 2.º tipo, feitos com o primeiro ouro vindo da Índia e que, embora de módulo mais reduzido, constituíam no entanto a maior moeda de ouro, nomeadamente na espessura, que até então se cunhara <sup>(5)</sup>! Ao lado das restantes moedas do Rei Venturoso agrupavam-se as do seu filho D. João III, cuja série começava igualmente pelos belos exemplares dos *portugueses* de ouro de 10 cruzados, feitos à semelhança dos do reinado anterior, que os criou.

---

(4) O único exemplar que se conhece é o que existe no Cabinet des Médailles de Paris, e que por nós foi identificado ao descobrirmos a série das *Moedas de Toro*, Lisboa, 1938.

(5) Lembremos que a esse tempo, o final do século xv, as moedas, especialmente as de ouro, ainda mantinham o aspecto das da Idade Média, cuja característica objectiva, e fundamental, era serem feitas de delgadas lâminas de ouro. Estão neste caso as maravilhosas *grandes dobras* castelhanas, ultimamente estudadas pelo erudito numismata D. Casto Maria del Rivero, — *Las Doblas Mayores Castellanas y algunas consideraciones acerca de la acuñación del oro en nuestra Península*, Madrid, 1941 — e que artisticamente constituem a mais bela série de moedas de ouro que a Idade Média nos legou.



Nesta arca viam-se ainda as outras moedas do Rei Piedoso, bem como as de seu neto El-Rei D. Sebastião, além das de D. Henrique e D. António, como remate dos soberanos da 2.<sup>a</sup> Dinastia — a dos Descobrimentos e Conquistas.

A dinastia filipina estava representada nas duas colecções — de El-Rei D. Luís e de António Marrocos — que historiavam a evolução cronológica das primeiras às últimas moedas de ouro portuguesas.

O período da *Restauração* constituía também o objecto especial duma pequena arca, encontrando-se representado pelas moedas de D. João IV e D. Afonso VI: *quatro cruzados*, *dois cruzados*, *cruzados*, e as suas sucedâneas *quatro mil réis*, *dois mil réis*, e *mil réis* — moedas que representavam (como os primeiros lavramentos de D. Pedro II que seguiram na lei e nos tipos as do reinado transacto) a última fase monetária batida pelo velho sistema do martelo.

Noutra arca, de maiores dimensões, cuja talha floreada anunciava já a opulência do Rei Magnânimo, realçada pela perfeição técnica, expunham-se aos montes os *dobrões*, e as *dobras de oito escudos* com a effigie d'El-Rei D. João V, além duma barra de ouro do Banco de Portugal, a quem pertencia o conteúdo desta arca, — amostra de como o Banco do Estado conserva actualmente as suas reservas de ouro.

Ao lado estava outro «caixão», — como outrora por vezes se denominavam aqueles velhos trastes — de menores dimensões, onde também em monte, e vasados dum saco de brocado, qual cronocópia da abundância, as *reproduções* que se fizeram, para comemorar a Exposição do Ouro, da maior moeda de ouro que em Portugal se cunhara: a *dobra de vinte e quatro escudos* d'El-Rei D. João V (\*).

Finalmente, noutra grande arca, encontravam-se dispostas cronologicamente todas as moedas de ouro portuguesas dos séculos XVIII e XIX: as *dobras* e *meias-dobras*, *escudos*, *quartinhos*, *coroas* e suas sub-divisões, *meias*, *quintos* e *décimos-de-coroa*.

A Exposição terminava como havia começado para melhor orientação dos espíritos — por uma colecção completa, seriada cronologicamente, desde os velhos *morabilinos* de D. Sancho I às últimas moedas que acabamos de enumerar, de El-Rei D. Luís. Havia mesmo nessa colecção — pertencente ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor António Marrocos que muito amavelmente se prontificou a cedê-la para a Exposição — um exemplar de ouro da República, o que causou a admiração de muita gente, e na verdade com certa razão, porque neste regime não houve qualquer lavramento de ouro, embora chegasse a ser legislado e até haver-se aberto os seus cunhos pelo notável escul-

---

(\*) Estas *reproduções*, que se fizeram para comemorar a Exposição do Ouro, — a que se poderia chamar *medalhas comemorativas* — foram fundidas segundo um ensaio monetário de cobre, autêntico, e tinham a data de 1940 para nitidamente se distinguirem das verdadeiras, posto que se apresentavam igualmente douradas. Eram estas, pois, as únicas peças expostas que não eram realmente de ouro, e verdadeiras.



tor-medalhista João da Silva (\*) ; por isso que esse espécime era apenas uma prova, ou ensaio monetário, de ouro duma *projectada* moeda de 5 escudos, e não um exemplar representante duma determinada amoedação que se houvesse realizado.

As últimas palavras desta descrição sumária da Exposição do Ouro, são dirigidas a quem contribuiu para a sua realização: em primeiro lugar está Leitão de Barros — que a concebeu, lhe deu corpo, e venceu todas as dificuldades que se levantaram; em segundo lugar estão os particulares que muito amavelmente se prontificaram a ceder as suas colecções: os banqueiros José Carneiro e António Jacinto de Almeida (colecções apresentadas como da Firma Almeida, Ltd.<sup>o</sup>), o proprietário António Marrocos (de Idanha-a-Velha), e a Direcção do Banco de Portugal.

Assim, como é de justiça louvar quem merece sê-lo, importa referir — para exemplo — que é de lastimar não ter havido da entidade que mais deveria apoiar semelhante realização — o Museu Numismático Português — a menor boa vontade da parte de quem actualmente o dirige! Felizmente que os destinos da Nação se encontram nas mãos de quem a tudo provê, e deste modo foi desfeita a resistência encontrada...

E, pois, a Salazar, a alma vivificadora da magnífica Exposição do Mundo Português — coroa radiosa e florida da sua Obra Monumental — que os numismatas portugueses, e o público em geral, ficaram devendo poder apreciar nessa Exposição — o numofilácio d'El-Rei D. Luís — a mais notável colecção de moedas portuguesas que existe em Portugal, e no Mundo!

Pedro Batalha Reis.



(\*) Estes cunhos foram abertos em Paris — na Casa de Arthus Bertrand — e conservam-se actualmente no Museu Numismático Português.



SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITANDO A EXPOSIÇÃO



SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA ASSINANDO O «LIVRO DE OURO»

EXPOSIÇÃO DO OURO NA CÂMARA DO COMANDANTE DA NAU







SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DO CONSELHO ASSINANDO O «LIVRO DE OURO»



# ESQUEMA DA EXPOSIÇÃO

- |                            |                                      |
|----------------------------|--------------------------------------|
| 1 Coleção d'El-Rei D. Luís | 5 D. João V (medalhas comemorativas) |
| 2 Época medieval           | 6 D. João V                          |
| 3 Época dos descobrimentos | 7 Séculos XVIII e XIX                |
| 4 Restauração              | 8 Coleção de António Marrocos        |

